

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?- FUTURO
6 de julho de 2024

ROSEMARY'S BABY / 1968 (*A Semente do Diabo*)

um filme de Roman Polanski

Realização: Roman Polanski / **Argumento:** Roman Polanski, segundo o romance de Ira Levin / **Fotografia:** William Franker / **Música:** Krzysztof Komeda / **Som:** Harold Lewis / **Montagem:** Sam O'Steen e Bob Wyman / **Guarda-Roupa:** Anthea Sylbert / **Cenários:** Joel Schiller / **Interpretação:** Mia Farrow (Rosemary Woodhouse), John Cassavetes (Guy Woodhouse), Ruth Gordon (Minnie Castevet), Sidney Blackmar (Roman Castevet), Maurice Evans (Hutch), Ralph Bellamy (Dr. Sanirstein).

Produção: Paramount / **Produtor:** William Castle / **Cópia:** 35mm, cor, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 135 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 22 de Maio de 1968 / **Estreia em Portugal:** Cinemas Alvalade e S. Luiz, a 28 de Fevereiro de 1969.

A sessão tem lugar na Esplanada

Que mundo era o mundo de 1968? Possivelmente um mundo com vários mundos, um *cocktail* de mundos. A estranheza desta interrogação e a eventual estranheza da resposta visam, de algum modo corresponder à estranheza que **A Semente do Diabo**, filme de Roman Polanski, contém em si mesmo. Até que ponto é que este filme pode ser dito representar o mundo americano de 1968? O universo de bruxas, *sabbats* e beberagens (*cocktail* de mundos) que Polanski nos põe debaixo dos olhos deverá ser considerado um universo real? Ou é de mera fábula que se trata? Se houvesse necessidade de responder o melhor seria dizermos que o mundo de Rosemary é um mundo de pressentimentos, medos e ameaças reais e que Polanski o apresenta distanciando-o de toda a efabulação.

Estamos em Nova Iorque. A câmara de Polanski procura, pesquisa e entenece-se com os edifícios da cidade. Planos esplêndidos. E é aqui, nesta cidade, capital do nosso tempo, que a acção decorre. E a acção deixa definir-se segundo os códigos sem tentar a sua subversão. Polanski entrega-se ao género (o filme de terror) respeitando as regras do jogo e fazendo que **A Semente do Diabo** se ilumine (termo paradoxal se nos detivermos no senso-comum que decorre do filme de terror) a partir do respeito pelas ditas convenções.

Falámos de iluminação. É preciso dizer que a dita desempenha neste filme de Polanski um papel dramático autónomo, de que depende muito evidentemente o próprio pulsar do filme. É de todo espantosa a maneira como o apartamento dos Woodhouse se transfigura. A primeira visita com o senhorio deixa-nos ver uma casa obscura, cheia de sinais perturbadores. Tudo

indica que aquele seria o ambiente propício ao aparecimento do "fantástico". Mas não. Os Woodhouse alugam a casa, pintam-na e fazem-na clara, iluminada. Torna-se um apartamento cheio de luz e cores quentes. Saudável dir-se-ia. Tudo parece indicar que as histórias do senhorio sobre a morte da antiga inquilina e de Hutch, o amigo, sobre as criancinhas foram esconjuradas. Mas é aí mesmo, nesse apartamento limpo e de cores quentes, que se forjará a conjura (tal como Rosemary diz ao Dr. Hill: "*há pessoas que são por vezes vítimas de conjuras*"). Seria, aliás, muito interessante estudar o papel das habitações nos filmes de Polanski. Tanto em **O Inquilino** como em **Repulsa** como aqui em **A Semente do Diabo** as casas tornam-se personagens centrais, dotadas de capacidade de acção e de, certo modo, carregadas de um magnetismo quase diabólico. Nesse sentido o edifício, com os seus corredores soturnos, o seu elevador de escuras madeiras, a profundidade luciferina da cave onde se instala a lavandaria e, sobretudo, com os seus anacrónicos moradores, tem direito a lugar de honra na galeria de habitações-personagens de Roman Polanski. Pormenor de subtil ironia: o apelido do jovem casal é Woodhouse, literalmente casa do bosque, o que não deixa de atrair inevitáveis associações infantis (logo, fantásticas): as beberagens que Minnie dá a Rosemary são um parente nova-iorquino da maçã que a bruxa deu a comer à Branca de Neve.

Explorando um pouco, mas ainda sem delirar, lembramo-nos que no *sabbat* final em que Rosemary finalmente descobre o seu "bébé", está presente um japonês que dispara incessantemente uma máquina fotográfica. Isso sugere-nos uma pista: talvez **Rosemary's Baby** não seja mais do que a maternal Branca de Neve que perdeu o romantismo, mas descobriu o *polaroid*...

Feita alusão ao modo notável como Polanski filma Manhattan (Gordon Gow incensava no *Films and Filmings*, de Março de 69, o "*visual style*" de Polanski), referida a suspeição que Polanski faz aderir às habitações, autênticos labirintos do mal, dito o mérito do autor na especial "colaboração" (física e psíquica) do apartamento dos Woodhouse, é preciso pôr em relevo o acerto da escolha do elenco, sobretudo no que toca a Mia Farrow (Rosemary) e John Cassavetes (Guy). Mia Farrow, se o filme não tivesse outros aliciantes, bastaria com a sua irrupção juvenil, a coisa mais fresca e feliz que já se viu e a sua lenta, mas segura, metamorfose num ser acossado e cadavérico, bastaria, escrevíamos, para fazer de **A Semente do Diabo** um filme admirável e obrigatório. Cassavetes consegue elaborar, para gozo e delírio das zonas perversas das nossas mentes de espectadores, o mais ambíguo dos personagens que possamos imaginar. Deixo a pergunta policial: de que lado estará ele?

Mas suponhamos que o crítico espectador leu tudo isto e afirma, "*Pois sim, mas aquele final deixou-me insatisfeito*". Nesse caso parabéns, porque já Polanski, o próprio dizia: "*A satisfação é o mais desagradável dos sentimentos*".

Manuel S. Fonseca